

A EDUCAÇÃO DO AMOR-PRÓPRIO NO “EMÍLIO” DE ROUSSEAU.

THE EDUCATION OF SELF-LOVE IN ROUSSEAU’S “ÉMILE”.

Elaine de Alcântara Soares Quintas¹

Rafael Lucas de Lima²

RESUMO.

Este artigo aborda o tema da educação do amor-próprio no livro *Emílio: Ou Da Educação*, de Jean-Jacques Rousseau. Trata-se de uma pesquisa pura, de caráter bibliográfico, em que empreendemos uma revisão da literatura existente sobre o tema. Nosso interesse por abordá-lo deriva do fato de que a educação ordinária, tanto a escolar como a não escolar, pouco dedica-se à formação dos sentimentos, ou das paixões, do ser humano, e assim negligencia algo fundamental na vida dos indivíduos e que repercute diretamente em suas vidas privadas e na boa ordem da sociedade. Partimos das considerações que Rousseau teceu sobre a educação do amor-próprio no *Émile*, cotejamos e expandimos nossa leitura dessa obra com as interpretações de outros pesquisadores da filosofia do Genebrino que escreveram sobre esse tema, e, por fim, propomos algumas considerações de ordem prática, com o intuito de relacionar nossa discussão com a prática educacional, a fim de chamar a atenção da sociedade para a necessidade de se educar adequadamente o amor-próprio do ser humano.

Palavras-chave: Educação das paixões; Amor-próprio; Emílio; Jean-Jacques Rousseau.

ABSTRACT.

This article addresses the theme of the education of self-love in the book *Emile: Or On Education*, by Jean-Jacques Rousseau. This is a pure research, of a bibliographic nature, in which we undertook a review of the existing literature on the topic. Our interest in addressing it derives from the fact that ordinary education, both schooling

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Petrolina. E-mail: elaine.quintas@upe.br.

² Doutor em Filosofia. Professor Adjunto do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Petrolina, e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia (Prof-Filo) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) e da UPE. E-mail: rafael.lima@upe.br.

and non-schooling, devotes little attention to the formation of feelings, or passions, of the human being, and thus neglects something fundamental in the lives of individuals and which has direct repercussions on their private lives and the good order of society. We start from the considerations that Rousseau made about the education of self-love in *Émile*, we compare and expand our reading of this work with the interpretations of other researchers of the philosophy of the Genevan who wrote on this topic, and, finally, we propose some practical considerations, with the aim of relating our discussion with the educational practice, in order to draw the attention of society to the need to educate properly the self-love of the human being.

Keywords: Education of passions; Self-love; Emile; Jean-Jacques Rousseau.

RÉSUMÉ.

Cet article aborde le thème de l'éducation d'amour-propre dans le livre *Émile, Ou De l'Éducation*, de Jean-Jacques Rousseau. Il s'agit d'une recherche pure, de nature bibliographique, dans laquelle nous avons entrepris une revue de la littérature existante sur le sujet. Notre intérêt à aborder cet sujet vient du fait que l'éducation ordinaire, scolaire et non scolaire, consacre peu à la formation des sentiments, ou des passions, des êtres humains, et néglige ainsi quelque chose de fondamental dans la vie des individus et qui a des répercussions directes sur leur vie privée et sur le bon ordre de la société. Nous partons des considérations que Rousseau a faites sur l'éducation d'amour-propre chez *Émile*, nous comparons et élargissons notre lecture de cet ouvrage avec les interprétations d'autres chercheurs de la philosophie du Genevois qui ont écrit sur ce sujet, et, enfin, nous proposons quelques réflexions pratiques, dans le but de relier notre discussion à la pratique éducative, afin d'attirer l'attention de la société sur la nécessité d'éduquer de manière adéquate l'amour-propre des êtres humains.

Palavras-chave: Educação das paixões; Amor-próprio; Émile; Jean-Jacques Rousseau.

Introdução.

Este artigo aborda um tema fundamental no sistema de pensamento do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), a saber, a *educação do amor-próprio*. Uma vez que o sentimento do amor-próprio (*amour-propre*) foi abordado, ou pelo menos mencionado, pelo Genebrino nos contextos de diferentes obras - como no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* ou *Segundo Discurso* (2005); numa curta passagem do *Discurso sobre a Economia Política* (2017); em ao menos dois trechos dos Livros Segundo e Quinto das *Confissões* (2008); em diversos trechos

d’*Os Devaneios do caminhante solitário* (2017); ou, enfim, em algumas passagens da carta *A Christophe de Beaumont* (1762), dentre outras obras -, nosso foco aqui incide, em particular, sobre a extensa abordagem que esse conceito recebe no contexto geral do tratado educacional *Emílio: Ou Da Educação* (2014).

Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, percebemos que Rousseau tem razão ao apontar, no *Emílio*, para a importância da educação dos sentimentos, ou das paixões, para a boa formação do ser humano e mesmo para sua felicidade. Em especial, Rousseau enfatiza o sentimento do amor-próprio (*amour-propre*)³ como aquele do qual podem derivar, se o mesmo não for corretamente educado, muitos problemas para os indivíduos e para a sociedade. De fato, quando dirigimos nosso olhar para a vida cotidiana em nossas sociedades, percebemos com clareza como esse sentimento afeta negativamente, em geral, a felicidade dos indivíduos e o bem-comum. Nas próximas partes deste artigo, teremos ocasião de apresentar o conceito de amor-próprio cunhado por Rousseau e de desenvolver essas considerações que, neste momento, apenas mencionamos *en passant*.

Nosso *objetivo*, neste artigo, é elucidar a questão da educação do sentimento do amor-próprio, no contexto da obra *Emílio*, de Rousseau. *Justifica* nossa pesquisa e nosso objetivo o fato, que mencionamos no parágrafo anterior, de que a boa ou a má educação desse sentimento impacta diretamente no bem-estar ou na felicidade dos indivíduos e da sociedade, como Rousseau demonstra, de modo cabal, naquela e noutras obras. Por isso, pensamos que possibilitar que o público possa conhecer e meditar sobre as reflexões de Rousseau acerca da educação do amor-próprio é um bem que se pode prestar à sociedade.

Na sua *História da Pedagogia*, Franco Cambi afirmou, não sem razão, que Rousseau é “o pai da pedagogia contemporânea” (Cambi, 1999, p. 342-343). Pensamos que esse epíteto cai bem ao Cidadão de Genebra, e o motivo é que

³ Acerca da grafia que utilizamos para referir a essa paixão, *amour-propre*, seguimos a grafia utilizada pelo próprio Rousseau, *amour-propre*, em francês, tanto no *Emílio* como nas demais obras em que o filósofo refere a esse sentimento. Uma verificação minuciosa do uso que o Genebrino faz dessa palavra pode ser realizada neste site, que contém suas obras completas: <https://www.rousseauonline.ch/home.php>. Acesso em: 14 jul. 2024. Fazemos questão de informar o leitor acerca da grafia que optamos por utilizar aqui porque facilmente se pode encontrar, nos livros e artigos que mencionam esse sentimento, a grafia *amor próprio*, ao invés da grafia original empregada por Rousseau. Preferimos, enfim, mantermo-nos fiéis ao texto original.

seu livro *Emílio* trouxe uma teoria e ideias pedagógicas revolucionárias, tanto para a época em que ele foi publicado como mesmo para a nossa, as quais continuam a influenciar a formação de gerações de professores e pesquisadores da educação e a suscitar profícuos debates acerca da educação. Pensamos que o estudo da principal obra de Rousseau, *Emílio*, é, com efeito, um passo muito importante na formação de educadores em geral, sejam eles professores com diploma universitário, que trabalham em escolas e universidades, sejam pais ou outros responsáveis, que educam seus filhos e educandos em casa e noutros lugares e situações da vida cotidiana⁴. Se considerarmos apenas aquilo que nos interessa diretamente nesta pesquisa, *Emílio* traz significativas contribuições para o campo educacional na medida que proporciona um conjunto de reflexões necessárias sobre o modo como o ser humano é *afetado* pelo mundo, pela natureza, pelas coisas, pelos seus semelhantes, por si mesmo, e sobre como o sentimento ou paixão do amor-próprio pode ser educado (daí ser possível falar de sua educabilidade) e, não só isso, de ser *bem-educado*, o que significa: ser educado de modo que esse sentimento possa contribuir para o bem e a felicidade dos indivíduos e da sociedade.

Para levar a cabo nossa escrita acerca deste tema - *a educação do amor-próprio à luz do “Emílio” de Rousseau* -, estruturamos nosso artigo em quatro partes. A primeira delas consiste desta *Introdução*, na qual (i) delimitamos nosso objeto de estudo; (ii) estipulamos o objetivo da nossa pesquisa; (iii) justificamos a necessidade social de empreendê-la, e (iv) apresentamos as partes que compõem este artigo. Na segunda parte, intitulada *Da pesquisa e dos procedimentos metodológicos*, expomos os passos que demos no caminho que percorremos para investigar o tema que nos propusemos elucidar. Na terceira parte, que denominamos de *Da educação do amor-próprio*, desenvolvemos algumas reflexões e considerações acerca da educação do sentimento do amor-próprio a partir da exposição de Rousseau no *Emílio* (nossa fonte primária) e de diferentes artigos escritos por pesquisadores da filosofia do Genebrino (nossas fontes secundárias); também tecemos, nessa parte, relações entre as ideias apresentadas por nossas fontes e o contexto concreto

⁴ Paiva e Lima, por exemplo, concordam com nossa observação sobre a incomensurável relevância desse livro de Rousseau para a formação de educadores. Para eles, o *Emílio* é “[...] uma das obras cânones da filosofia da educação, da pedagogia e mesmo da didática.” (Paiva e Lima, 2023, p. 2).

da educação e da vida cotidiana nas sociedades atuais, de modo que pudéssemos realizar a necessária transposição da teoria filosófica à prática efetiva das relações sociais. Por fim, na quarta e última parte, que chamamos simplesmente de *Considerações finais*, apresentamos algumas conclusões às quais pudemos chegar com o desenvolvimento desta pesquisa.

Da pesquisa e dos procedimentos metodológicos.

Nesta seção, fazemos, primeiramente, uma caracterização do tipo de pesquisa que aqui apresentamos; em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos que realizamos para executar esta pesquisa.

A pesquisa que trazemos a público, com este artigo, pode ser adequadamente caracterizada como *pura* ou *básica*, posto que, com ela, nosso intuito é o de fazer avançar os limites do conhecimento educacional a partir do estudo que propomos da filosofia da educação, ou da pedagogia⁵, de Jean-Jacques Rousseau, exposta detalhadamente em sua maior e mais importante obra - *Emílio*, publicada em 1762.

Nossa pesquisa também pode ser caracterizada, em alguma medida, como *aplicada*, uma vez que objetivamos relacionar, sempre que possível, a perspectiva teórica da educação, veiculada no *Emílio*, com a efetiva realidade prática da educação escolar e não-escolar.

Por fim, podemos ainda caracterizar esta pesquisa como *qualitativa*, pois nós não somente realizamos e propomos nossa própria interpretação da filosofia da educação exposta no *Émile*, como também a confrontamos com outras leituras e interpretações dessa obra, propostas por outros estudiosos do pensamento do Genebrino.

Feita essa caracterização geral da nossa pesquisa, passamos, agora, à descrição dos procedimentos metodológicos que a tornaram possível. Se pudéssemos descrever as linhas gerais do caminho que percorremos para levar a cabo esta pesquisa, diríamos que o mesmo se constituiu de alguns passos.

⁵ Toda *pedagogia* é, como reconheceu Luckesi, uma *filosofia da educação*. “A educação é uma prática humana direcionada por uma determinada concepção teórica. A prática pedagógica está articulada com uma *pedagogia*, que nada mais é que uma concepção filosófica da educação. Tal concepção ordena os elementos que direcionam a prática educacional.” (Luckesi, 2011, p. 33, grifo nosso)

O primeiro desses passos consistiu na leitura integral, estudo e fichamento do *Emílio*, nossa fonte primária. Quem quer que tenha essa experiência de leitura deparará com diferentes e importantes questões educacionais. Dentre essas, e conforme enfatizamos na Introdução, foi a questão da *educação do sentimento do amor-próprio* que mais atraiu nossa atenção, de modo que nos decidimos a estudá-la um pouco mais a fundo, e, destarte, demos o segundo passo.

O segundo passo metodológico consistiu na revisão da literatura sobre o tema da educação do amor-próprio no contexto do *Emílio* de Rousseau. Para isso, utilizamos o Portal de Periódicos da Capes com o fito de encontrar livros e artigos acerca do nosso tema. Encontramos centenas de referências. Pela leitura dos resumos desses trabalhos, selecionamos e “baixamos” os arquivos dos textos que consideramos mais pertinentes à nossa abordagem do tema. Feita essa triagem, procedemos à leitura integral, estudo e fichamento do maior número possível desses textos, nossas fontes secundárias, as quais constam das nossas Referências, no final deste artigo.

Ainda acerca desse segundo passo, nosso propósito, então, foi duplo - por um lado, consistiu em verificar em que medida nossa interpretação da filosofia da educação de Rousseau encontrava, ou não, eco entre as interpretações propostas por outros estudiosos da mesma; e, por outro lado, consistiu também em compor uma visão clara, distinta e a mais abrangente possível do estado da arte acerca do nosso tema.

Nosso terceiro passo metodológico consistiu na apresentação dos resultados parciais desta pesquisa, sob a forma de uma comunicação oral, em um evento acadêmico. Em função das circunstâncias e do momento oportuno, tal evento foi a *Semana Acadêmica de Pedagogia*, realizada pelo Colegiado do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Petrolina, em maio de 2024. Por meio dessa apresentação, tivemos oportunidade de debater com o público presente e de ouvir eventuais críticas e sugestões, com as quais pudemos aperfeiçoar nossa pesquisa.

Nosso quarto e derradeiro passo consistiu da escrita deste artigo, através do qual continuamos o trabalho de dar publicidade à nossa pesquisa (o início da publicização da mesma aconteceu com a apresentação da comunicação oral no

evento supracitado). Ademais, a publicação deste artigo permite ainda difundirmos o conhecimento filosófico e científico; estimularmos o estudo da pedagogia de Rousseau; sugerirmos novas possibilidades de pesquisas e, quiçá, encorajarmos a criação de novas práticas educacionais, notadamente no que concerne à educação do sentimento do amor-próprio.

Uma vez descritos nossos procedimentos metodológicos, passamos agora à terceira parte deste artigo, a qual contém o núcleo da nossa discussão.

Da educação do amor-próprio.

Um dos pilares da filosofia de Rousseau, e que se encontra no cerne do *Emílio*, é a ideia de que “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem.” (Rousseau, 2014, p. 7). O próprio ser humano deprava-se e perverte-se a si mesmo, de diferentes maneiras, e assim torna possível afirmar, como fez Rousseau, que o homem nasce bom e a sociedade o corrompe.

Eu desejaria que se escolhessem de tal forma as amizades de um jovem que ele pensasse bem dos que vivem com ele; e que lhe ensinassem a conhecer tão bem o mundo que ele pensasse mal de tudo o que se faz nele. Saiba ele que *o homem é naturalmente bom*, sintão, julgue seu próximo por si mesmo; mas veja ele como *a sociedade deprava e perverte os homens* [...]” (*ibidem*, p. 326-327, grifos nossos).

Essas ideias têm vastas implicações sobre toda a filosofia de Rousseau. *Emílio* é um tratado, uma discussão minuciosa sobre educação, em que Rousseau propõe-se analisar e enfrentar a depravação e perversão do ser humano na figura do educando. A educação é, para ele, não só “o mais importante assunto do Estado” (Rousseau, 2017a, p. 34) e “a primeira de todas as utilidades” (*idem*, 2014, p. 4), como também um meio de preservar, no educando, a bondade natural com a qual o ser humano vem ao mundo, em meio às inúmeras ocasiões de erro, de vício e de perversão dos hábitos, do caráter, do juízo e do modo de vida que pululam na vida em sociedade. Numa obra póstuma e autobiográfica, intitulada *Rousseau juiz de Jean-Jacques: Diálogos*

(1782), Rousseau afirmou, sobre o *Emílio*, que esse é *um escrito acerca da bondade natural ou original* do ser humano.

[...] vi por toda parte o desenvolvimento de *seu grande princípio* (de Rousseau), *que a natureza fez o homem feliz e bom, mas que a sociedade o deprava e o torna miserável*. O *Emílio*, em particular, esse livro tão lido, tão pouco compreendido e tão mal apreciado, não é mais que *um tratado sobre a bondade original do homem*, destinado a mostrar como o vício e o erro, estranhos à sua constituição, introduzem-se aí vindos de fora e a alteram insensivelmente. (Rousseau, 2022, p. 400, grifos e parêntese nossos).

8

Além do tema da degeneração, artificial, do ser humano por suas próprias mãos - a qual *Emílio* visa remediar através da proposta de uma educação segundo a “marcha da natureza” (*idem*, 2014, p. 4) -, é igualmente célebre a perspectiva, advogada por Rousseau em diversas de suas obras, de que *o ser humano é um ser ontologicamente cindido* - dividido e arrastado em direções opostas por princípios contrários e conflitantes - e de que decorre daí grande parte de nossa infelicidade como indivíduos e como sociedade. Para ilustrar essa perspectiva da cisão ontológica do ser humano, apresentaremos, a seguir, algumas citações nas quais podemos percebê-la claramente.

No Livro I do *Emílio*, por exemplo, depois de definir três tipos de educação (aos quais chamou de educação da natureza, das coisas e dos homens⁶), Rousseau refere-se, então, a dois desses princípios contrários em nossa constituição ontológica, a saber, *natureza* e *sociedade*. Segundo ele, “Forçado a combater a *natureza* ou as *instituições sociais*, é preciso optar entre fazer um *homem* ou um *cidadão*, pois *não se podem fazer os dois ao mesmo tempo*.” (Rousseau, 2014, p. 11, grifos nossos). O Genebrino quer dizer, com isso, que a educação ordinária (a qual ele criticava e a qual ele propõe superar com sua proposta pedagógica) não é capaz de formar, da maneira que lhe parece adequada, nem um homem (entendido como um ser puramente natural), nem um cidadão (entendido como um ser artificial e político).

Neste outro trecho, explicando o fundamento da contradição entre natureza e sociedade, Rousseau afirma que a natureza exige de nós que nos concentremos em nós mesmos e em nossas necessidades, ao passo que a

⁶ Sobre esses três tipos de educação, e ainda sobre outros dois, as educações negativa e positiva, cf. Lima (2019).

sociedade demanda de nós precisamente o contrário disso, isto é, exige que nos projetemos para fora de nós mesmos, para o mundo externo, que nos voltemos para os outros e que consideremos principalmente e em primeiro lugar as necessidades do todo social, ao invés das nossas.

O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular já não se julgue como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo. [...] Aquele que, na ordem civil, quer conservar o primado dos sentimentos da natureza não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, sempre passando das inclinações para os deveres, jamais será nem homem, nem cidadão; não será bom nem para si mesmo, nem para os outros. (Rousseau, p. 11-12, grifos nossos).

Para concluir esta breve ilustração da cisão ontológica que subjaz em todo ser humano, a partir da consideração deste par de opostos articulados por Rousseau - natureza e sociedade -, e para que possamos compreender melhor os impactos dessa oposição sobre nós, consideremos ainda este outro excerto:

Dessas contradições nasce aquela que sem cessar sentimos em nós mesmos. Arrastados pela natureza e pelos homens a caminhos contrários, forçados a nos dividir entre esses diversos impulsos, seguimos uma composição que não nos leva nem a um, nem a outro objetivo. Assim combatidos e errantes durante toda a nossa vida, terminamo-la sem termos podido entrar em acordo com nós mesmos, e sem termos sido bons nem para nós, nem para os outros. (*ibidem*, p. 13-14, grifos nossos).⁷

⁷ Além dessa primeira contradição em nossa constituição ontológica, há ainda, pelo menos, mais uma, à qual Rousseau refere-se no Livro IV do *Emílio*, num trecho da célebre *Profissão de fé do vigário saboiano* (a qual não passa, com efeito, de uma profissão da fé do próprio Rousseau). No trecho em questão, o filósofo de Genebra afirma que há dois princípios contrários na natureza humana, a *razão* e as *paixões*, os quais, assim como o par opositivo natureza-sociedade, arrastam-nos por caminhos opostos e, desse modo, contribuem para agravar nossa cisão ontológica. Eis, pois, o trecho: “Meditando sobre a *natureza do homem*, acreditei descobrir nela *dois princípios distintos*, dos quais *um o elevava* ao estudo das verdades eternas, ao amor da justiça e do belo moral, às regiões do mundo intelectual cuja contemplação faz as delícias do sábio, e *o outro o trazia de volta baixamente a si mesmo*, sujeitava-o ao império dos sentidos, às paixões que são seus ministros e contrariava por elas tudo o que lhe inspirava o sentimento do primeiro. Sentindo-me *puxado e disputado por esses dois movimentos contrários*, eu pensava: Não, o homem não é outro; eu quero e não quero, sinto-me ao mesmo tempo escravo e liberto; vejo o bem, amo-o, e faço o mal; sou ativo quando escuto a *razão* (primeiro princípio), passivo quando *minhas paixões* (segundo princípio) me arrastam, e meu pior tormento quando sucumbo é sentir que pude resistir.” (Rousseau, p. 392-393, grifos e parênteses nossos). Contentamo-nos, nos limites deste artigo, com apenas referir a esse outro par de oposições em nossa constituição.

Ora, e o que essa contradição ontológica humana, que nos arrasta entre os ditames da natureza e os da sociedade, tem a ver, se é que tem, com nosso tema e nossa discussão acerca da educação do amor-próprio? Tentaremos, a seguir, responder a essa questão.

De acordo com os excertos que reproduzimos acima, podemos depreender que, ao passo que a natureza requer de nós que concentremos nossa atenção e nossas forças em prol de nós mesmos, a sociedade reivindica que nos projetemos constantemente para fora de nós mesmos. A natureza, portanto, ordena o que devemos fazer com base tão-somente no nosso próprio bem, e esse bem constitui, propriamente, a esfera do *amor de si* (*amour de soi*), paixão primitiva sobre a qual discorreremos mais abaixo. Não obstante essa ordem natural, a sociedade inventa e impõe a todos nós, artificialmente, deveres, cujo fundamento é o que os outros, indivíduos e sociedade, esperam de nós. Considerando essas distinções, leiamos o trecho a seguir, no qual podemos identificar esse duplo e contraditório olhar que nos atravessa - natureza-sociedade, dentro-fora, interioridade-exterioridade.

Estabeleçamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza sejam sempre direitos: não há perversidade original no coração humano. Não se encontra nele um só vício de que não possamos dizer como e por onde entrou. *A única paixão natural ao homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio tomado em sentido amplo.* Este amor-próprio, em si ou *relativamente a nós*, é bom e útil, e, como não tem *relação necessária com outrem*, é a esse respeito naturalmente indiferente. Só se torna bom ou mau pela aplicação que se faz dele e pelas relações que se dão a ele. Até que o guia do amor-próprio, que é a razão, possa nascer, é portanto importante *que uma criança não faça nada porque é vista ou ouvida, nada, numa palavra, por causa dos outros, mas apenas o que a natureza lhe pede.* Nesse caso, nada fará que não seja bom. (Rousseau, 2014, p. 95, grifos nossos).

No trecho que acabamos de citar, não encontramos, com efeito, um bom rigor conceitual; pois, nele, Rousseau permite-nos entrever alguma equivalência, mais aparente do que real, entre o sentimento do amor-próprio (*amour-propre*) e o do amor de si (*amour de soi*), de modo que um leitor desatento poderia facilmente considerá-los a mesma coisa. Essa falta de

precisão conceitual também transparece neste trecho da *Carta a Christophe de Beaumont*, datada de 18 de novembro de 1762:

Eu faço ver que a única paixão que nasce com o homem, a saber, o amor-próprio, é uma paixão indiferente, em si mesma, ao bem e ao mal; que ela não se torna boa ou má senão por acidente e segundo as circunstâncias em que nas quais ela se desenvolve. (Rousseau, 1762, p. 17, tradução nossa).⁸

Apesar desses dois trechos ensejarem uma falsa equivalência entre as paixões do amor de si (*amour de soi*) e do amor-próprio (*amour-propre*), tais paixões são bastante diferentes uma da outra no que concerne às suas naturezas e aos seus efeitos, como podemos compreender da leitura deste trecho do *Segundo Discurso*, em que Rousseau é conceitualmente mais preciso:

Não se deve confundir o amor-próprio e o amor de si mesmo, duas paixões muito diferentes por sua natureza e por seus efeitos. O amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a zelar pela própria conservação e que, dirigido no homem pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude. O amor-próprio não passa de um sentimento relativo, factício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a dar mais importância a si do que a qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que se fazem mutuamente e é a verdadeira fonte da honra. (Rousseau, 2005, p. 323, nota “n”, grifos nossos).

O *amor de si*, no seio da filosofia de Rousseau, é um conceito essencial que descreve o cuidado natural que os seres humanos têm para consigo mesmos, um instinto básico de autopreservação. É uma inclinação inata que nos leva a proteger nossa própria existência e bem-estar, sendo algo, portanto, que compartilhamos com outros animais. Rousseau considera que o amor de si é parte intrínseca da natureza humana, e que o mesmo é guiado pela razão e transformado pela piedade (ou compaixão). Quando educado corretamente, o amor de si contribui para o desenvolvimento da humanidade e de uma vida excelente (virtuosa). Nesse sentido, o amor de si é fonte apenas de coisas boas, para nós e para os outros. No entanto, Rousseau adverte-nos sobre os perigos

⁸ No texto original, em francês, lemos: “J’ai fait voir que l’unique passion qui naisse avec l’homme, savoir l’amour-propre, est une passion indifférente en elle-même au bien & au mal; qu’elle ne devient bonne ou mauvaise que par accident & selon les circonstances dans lesquelles elle se développe.” Texto original disponível em: <https://www.rousseauonline.ch/Text/lettre-a-christophe-de-beaumont.php>. Acesso em: 20 jul. 2024.

de sua depravação, que ocorre quando o amor de si degenera-se em amor-próprio.

Esse *amor-próprio*, por sua vez, não passa de um sentimento relativo (pois sempre pressupõe outro ser humano, além de nós mesmos, com o qual nos comparamos) e artificial (adventício, adquirido, por obra nossa, através da vida em sociedade), que visa reconhecimento, mérito e honra para quem o sente. Nesses termos, o amor-próprio pode ser caracterizado como puro individualismo egoísta, do qual resultam relações sociais frágeis e interesseiras. Essa paixão coloca os interesses do indivíduo em destaque, levando-o a buscar reconhecimento a qualquer custo e a se considerar superior aos outros ao invés de um igual. O amor-próprio também pode ser relacionado ao uso instrumental dos outros para satisfazer os desejos de um indivíduo, sem qualquer consideração, da parte desse, acerca do valor das relações e dos outros.

Pensando sobre o aspecto negativo, danoso, da manifestação do amor-próprio, descrito por Rousseau tanto no *Segundo Discurso* como no *Emílio*, mas sobretudo no primeiro, parece-nos que o Genebrino está correto e que o melhor a ser feito é mesmo educar esse sentimento (processo cuja descrição podemos encontrar nessa última obra) e promover uma maior compreensão, por parte dos indivíduos e da sociedade, sobre os resultados positivos de sua educação.⁹

Em outro trecho do *Emílio* a distinção entre amor de si (*amour de soi*) e amor-próprio (*amour-propre*) fica ainda mais clara. Rousseau entende então por *amor-próprio* um sentimento derivado, isso é, um sentimento que deriva da degeneração do amor de si. Em linhas gerais, como afirmamos anteriormente, o *amor de si* é um sentimento natural que está ligado à conservação de todo ser vivo; é ele que nos impele a buscarmos tudo aquilo que esteja relacionado à conservação do nosso ser, à nossa segurança, àquilo que julgamos que nos é conveniente, útil e que se liga, portanto, ao nosso bem-estar. O amor de si remete-nos a nós mesmos, à unidade absoluta que, na ordem

⁹ Convém observar que, entre os estudiosos do pensamento de Rousseau, a interpretação *standard* (padrão) é a de que o sentimento do amor-próprio é algo pernicioso ao bem dos indivíduos e da sociedade. De fato, essa leitura encontra respaldo na análise antropológica e cultural, dotada de um tom um tanto pessimista, que Rousseau leva a cabo no *Segundo Discurso*. Não obstante, é hoje relativamente comum, com base numa escrita com ar mais positivo que Rousseau desenvolveu no *Émile*, a tese de que se pode educar o amor-próprio e dele colher bons frutos sociais. Essa interpretação, que leva em conta os aspectos tanto positivos como negativos do amor-próprio, devemos-la a Neuhouser (2008).

natural, todo indivíduo é, por si mesmo. Por outro lado, o *amor-próprio*, “essa desprezível atividade que absorve toda virtude e faz a vida das pequenas almas” (Rousseau, 2017a, p. 33), resulta de uma depravação do amor de si; ele diz respeito ao sentimento que os indivíduos em geral têm, e que *a sociedade constantemente fomenta*, de serem (ou de quererem ser, ou de imaginarem ser) “melhores” do que seus semelhantes, de superarem-se uns aos outros em qualquer matéria e por qualquer ninharia, de serem, enfim, sempre mais, nunca menos, do que qualquer outro e em qualquer coisa. Portanto, o amor próprio remete-nos para fora de nós mesmos, para o mundo externo, remete-nos, numa palavra, ao olhar dos outros indivíduos¹⁰ e para o todo social, do qual somos apenas uma parte relativa e em relação ao qual nossa existência deve adquirir sentido.

O amor de si, que só a nós mesmos considera, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, mas o amor-próprio, que se compara, nunca está contente nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exige que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível. Eis como as paixões doces e afetuosas nascem do amor de si, e como as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor-próprio. Assim, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros; o que o torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião. A partir desse princípio, é fácil ver como podemos dirigir para o bem ou para o mal todas as paixões das crianças e dos homens. É verdade que, não podendo viver sempre sozinhos, dificilmente serão sempre boas; essa dificuldade até mesmo aumentará necessariamente com suas relações, e é nisso sobretudo que os perigos da sociedade nos tornam a arte e os trabalhos mais indispensáveis para prevenir no coração humano a depravação que nasce de suas novas necessidades. (Rousseau, 2014, p. 289-290, grifos nossos).

¹⁰ Acerca desse voltar-se para fora, movimento para o qual o amor-próprio nos impele, em detrimento do voltar-se para dentro, para si mesmo, que corresponde a um ordenamento natural do amor de si, Rousseau disse o seguinte: “Não é mais tempo de mudar nossas inclinações naturais, quando elas já tomaram seus rumos e o hábito já se somou ao *amor-próprio*; não é mais tempo de *sairmos de nós mesmos*, quando o eu humano concentrado em nossos corações já adquiriu *essa desprezível atividade* (o amor-próprio) *que absorve toda virtude e faz a vida das pequenas almas.*” (Rousseau, 2017a, p. 32-33, grifos e parêntese nossos). Sobre esse projetar-se, para fora e para dentro de nós mesmos, diz Dalbosco: “[...] simultâneo ao processo de tornar-se um ser livre e capaz de se aperfeiçoar, o homem desenvolve a capacidade de *sair fora de si mesmo*, sentindo a necessidade da *comparação permanente com os demais*. Isso marca, do ponto de vista da constituição humana, a *passagem do amor de si para o amor-próprio*: enquanto o primeiro é representativo do *estado natural* e está baseado na piedade, o segundo caracteriza o *homem civil* e está marcado pela propensão do homem de querer ocupar uma posição superior em relação aos demais.” (Dalbosco, 2011, p. 481, grifos nossos).

Leiamos, agora, as palavras de Neuhouser, pensador que primeiro formulou a interpretação, da qual lançamos mão aqui, da ambiguidade do amor-próprio, segundo a qual essa paixão pode ter tanto um caráter positivo como um outro, negativo. Segundo Neuhouser, e em conformidade com as definições do próprio Rousseau, as quais verificamos, acima, o amor-próprio rousseauiano implica um olhar do indivíduo para si mesmo e para seus interesses pessoais, sejam eles quais forem.

Como o próprio nome indica, *amour-propre* é uma espécie de amor próprio - um amor pelo que é “próprio” ou pertence a si mesmo. “Amor-próprio”, neste contexto, significa interesse próprio: amar a si mesmo é preocupar-se com o seu próprio bem e estar disposto a perseguir o que quer que se considere ser esse bem. (Neuhouser, 2008, p. 29, grifo e aspas do autor, tradução nossa).¹¹

Ainda segundo a interpretação proposta por Neuhouser (2008, p. 1), o amor-próprio é “[...] uma forma de amor próprio que leva os indivíduos humanos a buscar a estima, a aprovação, a admiração ou o amor - em suma, o reconhecimento - de seus semelhantes.”

Uma vez que o amor de si tenha sido depravado e tenha degenerado em amor-próprio, para o que muito contribui a vida em sociedade, com todas as ocasiões de comparação que ela enseja constantemente, resta-nos, unicamente, a tentativa de educar o amor-próprio¹², pois seria impossível, caso tentássemos, expurgar da constituição do ser humano essa paixão¹³, o que equivaleria a retornar ao estado de natureza.

[...] no nosso estado primitivo, no verdadeiro estado de natureza, o amor-próprio não existe, pois, como cada homem em particular olha-

¹¹ No original, lemos: “As its name indicates, *amour-propre* is a kind of self-love – a love of what is ‘proper to’, or belongs to, oneself. ‘Self-love’ in this context means self-interestedness: to love oneself is to care about one’s own good and to be disposed to pursue whatever one takes that good to be.” Nas nossas traduções, optamos por escrever *amor-próprio* (com hífen) para referir ao conceito rousseauiano, enquanto escrevemos *amor próprio* (sem hífen) para referir à designação genérica desse sentimento, fora do contexto específico da filosofia de Rousseau. V. nota 4.

¹² Concordamos com Kawauche (2020, p. 285) quando ele afirma que “[...] a pergunta que se coloca no *Emílio* é: como deve o educador intervir para dar uma outra direção ao amor-próprio?” Certamente, essa “outra direção” é aquela que vai no sentido do desenvolvimento dos aspectos positivos dessa paixão, o que podemos tentar fazer através da educação.

¹³ Paiva também reconhece a impossibilidade de extirpar de nosso ser o sentimento do amor-próprio, bem como a necessidade de ter de educá-lo – “O desafio pedagógico está posto, qual seja, o de educar o amor-próprio em seu potencial positivo, uma vez que não se pode suprimi-lo, de tal modo que a relatividade própria dessa paixão seja entendida na dimensão do respeito e da dignidade humana. Nisto, o filósofo de Genebra é, sim, uma boa referência.” (Paiva, 2019, p. 3).

se a si mesmo como o único espectador que o observa, como o único ser no universo que tenha interesse por si, como o único juiz de seu próprio mérito, não é possível que um sentimento que se origina em comparações que ele não é capaz de fazer possa germinar em sua alma. (Rousseau, 2005, p. 323, grifo nosso).

Como não podemos retornar a esse momento primitivo e originário do estado de natureza, o que equivaleria a abolir o estado de sociedade em que nos encontramos e a restaurar a hegemonia do amor de si sobre o amor-próprio, resta-nos pelo menos esta indagação - Como devemos proceder, enquanto indivíduos e sociedade, para tirar o melhor proveito possível do sentimento do amor-próprio?

Rousseau, no *Emílio*, responde a essa pergunta ao tratar do desenvolvimento de outro sentimento, natural como o amor de si - a *piedade*. Para ele, a piedade deve servir de contraponto ao amor-próprio. Através da piedade o ser humano pode exercitar a empatia e a alteridade, e trazer para o círculo estreito e pessoal de preocupações do amor-próprio o cuidado com o outro. A piedade, pensava Rousseau, é um sentimento relativo, como o amor-próprio, pois é enxergando o outro, é projetando-nos para fora de nós mesmos que podemos senti-la; em outras palavras - é vendo o que acontece com os outros em suas vidas que a piedade pode nos levar a compreender que, da mesma maneira que eles sofrem, com todos os tipos de dores do corpo e da alma, nós também podemos sofrer, e efetivamente sofremos, com os mesmos tipos de dores.

Assim nasce a piedade, primeiro sentimento relativo que toca o coração humano conforme a ordem da natureza. Para tornar-se sensível e piedosa, é preciso que a criança saiba que existem seres semelhantes a ela que sofrem o que ela sofreu, que sentem as dores que ela sentiu e outras que deve ter ideia de que também poderá sofrer. De fato, como nos deixaremos comover pela piedade, a não ser saindo de nós mesmos e identificando-nos com o animal que sofre e deixando, por assim dizer, nosso ser para assumir o seu? Só sofremos na medida em que julgamos que ele sofre; não é em nós, mas nele que sofremos. Assim, ninguém se torna sensível a não ser quando sua imaginação se excita e começa a transportá-lo para fora de si. (Rousseau, 2014, p. 304, grifos nossos).

Com base nessas considerações, Rousseau formula três máximas, sobre a piedade, que podem e devem ser utilizadas na educação do amor-próprio, a fim de tornar o ser humano mais sensível aos outros e mais capaz de exercer a

alteridade; essas máximas são, com efeito, postas em prática na educação do personagem Emílio, e nós podemos vê-las, ao longo do texto, em diferentes contextos e exemplos, dos quais mencionaremos alguns, mais à frente em nossa abordagem. Tais máximas sobre o uso do sentimento da piedade na educação são as seguintes - 1ª) “Não pertence ao coração humano colocar-se no lugar de pessoas mais felizes do que nós, mas apenas no lugar das que estão em situação mais lamentável” (Rousseau, 2014, p. 305); 2ª) “Só lamentamos no outro os males de que não nos acreditamos isentos” (*loco citado*); e 3ª) “A piedade que se tem pelo mal de outrem não se mede pela quantidade desse mal, mas pelo sentimento que atribuímos aos que sofrem” (*ibidem*, p. 307).¹⁴ À luz dessas máximas, utilizadas por Rousseau na educação de Emílio, as crianças devem aprender, desde a mais tenra idade, que a vida traz muitas dificuldades para os seres humanos, e que nenhum de nós pode esperar sair incólume, sem sofrimentos, desta existência.¹⁵

Pensamos, com o Genebrino, que a manifestação negativa do amor-próprio traz, inevitavelmente, grande prejuízo ao bem-estar dos indivíduos e das relações sociais, pois ela engendra indivíduos e, conseqüentemente, sociedades nas quais impera a comparação, não a emulação (enquanto um desejo sadio de igualar-se ou de superar outrem); suscita o menosprezo do outro e a degradação do caráter de outrem aos olhos de quem compara e se compara; torna hegemônica, enfim, a lógica, perversa, da busca por *reconhecimento* a qualquer custo, segundo a qual o outro é sempre meu *concorrente*, quase nunca *um igual*. Educar, criar, desde a infância, seres humanos para serem capazes de lidar, de maneira positiva, com esse sentimento de comparação é um dos objetivos que, para Rousseau, a educação deve perseguir; é um objetivo que, no *Emílio*, ele demonstra que é possível atingir.

¹⁴ A propósito dessas máximas na educação do amor-próprio, Paiva e Lima dizem o seguinte: “É dessa perspectiva, isto é, do desenvolvimento da sensibilidade para com o outro, que Rousseau elabora suas ‘máximas’. [...] Se tais máximas são trabalhadas pelo educador no âmbito das competições, dos jogos e das recreações de toda espécie, haverá indubitavelmente um processo de formação do corpo em total harmonia com a alma, bem nos parâmetros da paideia grega, da didática comeniana e dos princípios gerais defendidos por Rousseau.” (Paiva e Lima, 2023, p. 11-12, aspas dos autores).

¹⁵ Por isso Kawauche (2020, p. 284, grifo nosso) pôde afirmar que “[...] a ideia norteadora do teatro pedagógico no qual Emílio será educado é a busca da felicidade *por meio da moderação do sofrimento*.”

Não obstante, o amor-próprio não é, no quadro geral das paixões traçado por Rousseau, somente um sentimento de cunho negativo; ele é, ademais, uma paixão que pode assumir ares positivos, na medida em que se emula, através da comparação saudável com outrem, um exemplo no qual se espelhar para que se possa tornar-se melhor, para que se possa aperfeiçoar-se a si mesmo. É esse tom positivo que pode servir, como Rousseau permite que se perceba na leitura do *Emílio*, como um recurso construtivo para o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades. A educação correta do amor-próprio, isso é, visando a emulação e a inspiração, torna-se algo realmente necessário ao bem-estar social, uma vez que, como se pode perceber claramente, por um rápido lançar de olhos à vida social, os indivíduos, em geral, têm uma intenção negativa, motivada pela inveja, pelo orgulho, pela competição, quando se medem e se comparam com seus semelhantes.

O caráter negativo do amor-próprio fica muito evidente, por exemplo, nas instituições escolares. Todos nós já fomos crianças e, por isso mesmo, conhecemos, em alguma medida, os meandros da vida escolar. Nesse contexto, crianças e, sobretudo, adolescentes buscam afirmarem-se entre si, e, para isso, necessitam do reconhecimento de seus pares. É muito comum que crianças e adolescentes comparem-se frequentemente, dizendo, por exemplo, afirmações deste tipo - “Minha família é mais rica do que a sua”; “Minha roupa é de marca, a sua, não”; “Minha casa é maior e melhor do que a sua”; “Minha namorada é mais bonita do que a sua”; “Eu sou mais inteligente do que você”, etc. Sabemos que tais proposições comparativas não estão circunscritas às esferas das vidas infantil e juvenil: seres humanos adultos também comportam-se dessa maneira, o que é ainda mais lamentável. No contexto da vida adulta, é comum ouvimos afirmações como estas - “Meu emprego é melhor do que o seu”; “Meu salário é maior do que o seu”; “Meu carro é um modelo do ano”; “Meu celular é de última geração”; “O bairro em que moro é de classe alta”; “Faço parte de uma família importante”, etc. Todas essas afirmações, e outras que tais, engendram situações que são prejudiciais ao bom convívio dos indivíduos em sociedade, pois, com elas, não se formam laços construtivos entre nós, fomenta-se, antes, tão-somente a inveja, o orgulho, a indignação frente às injustiças sociais que permitem que se pronunciem tais palavras; com elas, enfim, não se abre espaço

para o exercício da alteridade, a partir do qual seria possível projetar meu bem no outro e o bem do outro em mim, e tornarmo-nos ambos desejosos de fomentar esse bem um para o outro.

É a partir da constatação de situações desse tipo que Rousseau, ao longo do *Émile*, apresenta ao leitor diferentes exemplos de como a educação pode e deve contribuir para a construção positiva do sentimento do amor-próprio do personagem que dá título àquele tratado pedagógico. Rousseau demonstra que é possível educar o ser humano longe dos parâmetros sociais que engendram a inveja e a competição, os quais requerem que nos projetemos constantemente para fora de nós mesmos e que os outros projetem-se para nós. O voltar-se para fora, para os outros, não deve ser suprimido, mesmo porque isso seria algo quimérico, impossível de se realizar, como afirmamos acima; deve, antes, esse externalizar-se, ser realizado segundo outro parâmetro, o da alteridade, que me informa, por um lado, que assim como eu quero o meu próprio bem, cada um dos meus semelhantes quer igualmente seu próprio bem; e que, por outro lado, como eu não quero nenhum tipo de mal para mim, todos os demais também não o querem. E assim, com base nesse reconhecimento mútuo, tornar-se-ia possível buscar para mim, e realizar para outrem, apenas aquilo que sabemos que ambos desejamos, e não realizar, nem para mim nem para outrem, aquilo que sabemos que ambos não queremos. A fim de ilustrar essas questões, consideraremos, a seguir, algumas passagens do *Emílio* em que os aspectos positivos e negativos do amor-próprio são abordados.

Tratando, então, do amor-próprio em sua conotação negativa, na qual se evidenciam a vaidade e o desejo de se sobressair na opinião dos outros, Rousseau diz, acerca de uma situação corriqueira da vida em sociedade:

Os passeios públicos das cidades são perniciosos para as crianças de ambos os sexos. É ali que elas começam a se tornar vaidosas e a querer ser vistas: é no Luxemburgo, nas Tulherias e principalmente no Palais-Royal que a bela juventude de Paris vai ganhar aquele ar impertinente e enfatuado que a torna tão ridícula, fazendo que seja vaiada e detestada em toda a Europa. (Rousseau, 2014, p. 174, grifos nossos).

Ora, penso que não teríamos dificuldades para notar uma grande semelhança entre esses “passeios públicos” da sociedade francesa da época de

Rousseau e os das nossas sociedades contemporâneas. Não encontramos nós, nesses lugares de passeio, um público semelhante a esse ao qual Rousseau refere-se, dotado do mesmo “ar impertinente” e da mesma vaidade? Não continuam a ser, tais lugares, perniciosos ao amor-próprio não só das crianças, mas de todos ou de quase todos os que os frequentam? A essas perguntas, nossas respostas são um sonoro “Sim!”. Para que pudéssemos entrar e sair desses lugares sem que fôssemos afetados negativamente por nosso amor-próprio, seria necessário que desprezásemos a opinião dos outros. Essa ilustração nos ensina, dentre outras lições possíveis, que devemos ter cuidado com os exemplos aos quais expomos, e que nós mesmos muitas vezes damos, às nossas crianças, aos nossos educandos; e *o exemplo é*, como a filosofia da educação nos ensinou sobejamente, *um poderoso instrumento pedagógico*¹⁶.

Outras situações corriqueiras, nas quais a opinião alheia manifesta-se com força total e afeta diretamente o amor-próprio, são aquelas em que somos aplaudidos ou vaiados. No *Emílio*, Rousseau ilustra seu modelo de educação do amor-próprio descrevendo várias situações dessa natureza. Uma das que consideramos mais emblemáticas é a cena das corridas entre meninos. Sobre ela, Rousseau diz o seguinte:

Assim que começavam a correr, *todos os passantes paravam para vê-los; as aclamações, os gritos, as palmas os animavam*; algumas vezes vi o meu aluno tremer, levantar-se, gritar quando um estava próximo de alcançar ou de passar o outro; para ele, *eram os jogos olímpicos*. (Rousseau, 2014, p. 175, grifos nossos).

Tais situações e brincadeiras são comuns na vida das crianças e dos adolescentes. Pensemos nos jogos escolares, disputados não só no âmbito de

¹⁶ O Livro II d’*A República*, de Platão (2008), contém uma célebre crítica às histórias e poemas que, em suas narrativas, apresentavam às crianças muitos exemplos que Platão considerava nocivos ao bem-estar social e que, por isso mesmo, deveriam ser proscritos do seu Estado ideal. Platão pensava que as narrativas direcionadas à educação das crianças deveriam veicular somente aquilo que fosse desejável que elas, quando adultas, praticassem. Sendo assim, se a sociedade não deseja homicidas, por que representá-los nas histórias? E, pior ainda, por que colocar, como protagonistas dos homicídios, deuses e deusas, os quais dizemos que são os mais bem-aventurados dos seres? Platão pensava, com razão, que se as crianças aprendessem que deuses e deusas cometiam, impunemente, assassinatos, logo chegariam à conclusão de que os seres humanos, como seres imperfeitos que são, também poderiam cometê-los. Se seres que julgamos perfeitos são capazes de realizar ato tão vil, por que deveríamos nos espantar quando seres humanos os realizam? Se aplicarmos as considerações de Platão para pensarmos sobre as histórias que as crianças de hoje crescem a ouvir, teremos pouca ocasião de nos espantarmos com os problemas que os jovens e adultos dos nossos dias causam a todo momento.

cada escola (chamados de inter-classes), como também nos jogos disputados em nível municipal, estadual, nacional e internacional. Os jogos esportivos são ocasiões deveras importantes para a maneira como o amor-próprio dos atletas-estudantes se desenvolverá. Qual atleta não quer ter um bom desempenho na prática de seu esporte? Qual dentre eles não deseja os aplausos e louros da vitória? Quem desejaria estar entre os perdedores? Qual de nós desejaria ser vaiado e ser contado entre os que estão nos últimos lugares? Ora, situações em que essas coisas acontecem - ganhar, perder, superar-se a si mesmo e aos outros, ser superado pelos outros, ser aplaudido, ser vaiado, etc. - fazem parte de toda a vida escolar, da chamada Educação Básica à Educação Superior, e exercem, sem dúvidas, um impacto nada desprezível sobre o modo como o amor-próprio dos estudantes haverá de se desenvolver. Por isso, Rousseau recomenda que sejamos cautelosos em situações como essas, para que o aspecto negativo do amor-próprio não finque raízes e para que seu caráter positivo possa vicejar. Não queremos “dar spoiler”, como se diz, mas devemos mencionar que a conclusão da cena pedagógica das corridas foi a de que o aluno de Rousseau (na ocasião, não se tratava de Emílio, mas de um aluno cujo nome não é informado), de tanto ganhar e, assim, acostumar-se com as vitórias, tornou-se generoso e passou a dividir seus prêmios, que não eram mais do que simples doces, com seus adversários derrotados.

Enquanto ele ainda ganhava o prêmio raramente, comia-o quase sempre sozinho, como seus concorrentes; mas, *ao se acostumar com a vitória, tornou-se generoso* e muitas vezes dividia o prêmio com os vencidos. Isso me forneceu uma observação moral, e aprendi qual era o verdadeiro princípio da generosidade. (Rousseau, 2014, p. 176, grifo nosso).

Outro exemplo, desta vez tendo o próprio Emílio como protagonista, fornece-nos a mesma lição acerca da educação do amor-próprio, da qual se devem extrair os mesmos aprendizados. Certa vez, Rousseau (o personagem) leva Emílio a uma feira. Lá, eles assistem a uma apresentação do saltimbanco Sócrates, a qual impressionou bastante Emílio e cujas consequências exerceram sobre ele uma impressão profunda e duradoura. Citaremos primeiro a parte que narra os aplausos que Emílio, então com cerca de doze anos, recebeu do público presente e o impacto disso sobre ele.

Um dia nós vamos à feira; um prestidigitador atrai com um pedaço de pão um pato de cera que boia numa bacia de água. Muito surpresos, no entanto não dizemos: é um feiticeiro, pois não sabemos o que seja um feiticeiro. Continuamente impressionados por efeitos cujas causas ignoramos, não nos apressamos em julgar nada e repousamos em nossa ignorância até que tenhamos oportunidade de sair dela. De volta para casa, de tanto falarmos do pato da feira, resolvemos imitá-lo; pegamos uma boa agulha bem imantada, envolvemo-la em cera branca, que modelamos o melhor que pudemos em forma de pato, de modo que a agulha atravessasse o corpo e sua cabeça fosse o bico. Colocamos o pato na água, aproximamos do bico um anel de chave e vimos com uma alegria facilmente compreensível que nosso pato seguiu a chave, precisamente como o da feira seguia o pedaço de pão. [...] Na mesma tarde retornamos à feira com algum pão preparado nos bolsos e, assim que o prestidigitador fez o seu número, meu pequeno doutor, que mal se continha, disse-lhe que o truque não era difícil e que ele próprio era capaz de executá-lo; o desafio é aceito. Imediatamente ele tira do bolso o pão no qual está escondido o pedaço de ferro: ao aproximar-se da mesa, seu coração dispara; mostra o pão quase a tremer; o pato vem e o segue; *o menino grita e treme de alegria. Em meio às palmas, às aclamações da multidão, a sua cabeça gira, ele está fora de si.* Surpreso, o saltimbanco no entanto vem cumprimentá-lo, felicitá-lo e roga-lhe que o honre mais uma vez no dia seguinte com sua presença, acrescentando que terá o cuidado de reunir ainda *mais gente para aplaudir sua habilidade.* Orgulhoso, meu pequeno naturalista quer falar, mas imediatamente fecho-lhe a boca e *levo-o embora coberto de elogios.* (Rousseau, 2014, p. 224-225, grifos nossos).

Imaginemos o efeito de uma situação como essa sobre uma criança de doze anos. As palmas e a aclamação do público produziriam, como era de se esperar, um efeito difícil de ser esquecido. Trata-se, todavia, como Rousseau propõe, de educar a criança para que não se permita fascinar por esse tipo de recompensa (palmas, aclamação), que é cambiante e que portanto varia em conformidade com as opiniões e com o que acontece em cada situação. Para exemplificar essa flutuação das coisas humanas, Rousseau escreve a segunda parte desse episódio, na qual narra o retorno de Emílio e seu preceptor no dia seguinte, tal como haviam combinado com o prestidigitador Sócrates. Nesse momento, tem lugar o exato oposto do que acontecera no dia anterior: ao invés do pato de cera obedecer aos comandos de Emílio, desobedece-os; ao invés de aplausos, Emílio recebe vaias e zombarias; ao invés do bem-estar que deriva do reconhecimento, o mal-estar engendrado pelo desconhecimento.

Até o dia seguinte, a criança conta os minutos com uma risível inquietação. Convida a todos que encontra; gostaria de que todo o gênero humano fosse testemunha de sua glória; aguarda a hora com

dificuldade, antecipa-a; voamos para o encontro, a sala já está cheia. Ao entrar, seu jovem coração desabrochou. Outros números devem vir antes; o prestidigitador se ultrapassa e faz coisas surpreendentes. O menino não vê nada daquilo; agita-se, sua, mal consegue respirar; passa o tempo com as mãos no bolso mexendo no pedaço de pão com a mão trêmula de impaciência. Chega, enfim, a sua vez; *é anunciado ao público pomposamente*. Aproxima-se um pouco envergonhado, tira o pão... Nova vicissitude das coisas humanas! O pato, tão domesticado no dia anterior, hoje tornou-se selvagem; em vez de mostrar o bico, ele vira de costas e foge; evita o pão e a mão que o oferece com tanto cuidado quanto o seguia antes. Depois de mil *tentativas inúteis e sempre vaiadas*, a criança se queixa, diz que a estão enganando, que aquele é outro pato que puseram no lugar do primeiro, e desafia o prestidigitador a atrair o novo pato. O homem, sem responder, pega um pedaço de pão e o mostra ao pato; imediatamente, o pato segue o pão e vem à mão que o acolhe. O menino toma o mesmo pedaço de pão, mas, longe de ter maior êxito do que antes, vê o pato *zombar dele* e fazer piruetas ao redor da bacia; finalmente, *ele se afasta confuso, sem mais ousar expor-se às vaias*. Então o prestidigitador pega o pedaço de pão que o menino trouxera e se vale dele com tanto sucesso quanto do seu: tira de dentro dele o ferro diante de todos, *outra risadaria à nossa custa*; em seguida, com o pão assim esvaziado, ele atrai o pato tão bem quanto antes. [...] *Os aplausos redobrados são outras tantas afrontas para nós*. Saímos sem sermos percebidos e fechamo-nos em nosso quarto, *sem contar a todos o nosso sucesso, como havíamos planejado*. (Rousseau, 2014, p. 225-226, grifos nossos).

Ora, quantas situações, *mutatis mutandis*, similares a essas afetam a todos nós! Se efeitos, como os narrados nesse trecho, não passam sem mais quando recaem sobre adultos, que dizer de seus impactos sobre as crianças!? E, longe da educação ordinária deixar de lado tais situações, ela antes as fomenta, multiplica-as, de modo que somos educados para querer brilhar aos olhos dos outros, para sermos aplaudidos, não para nos contentarmos com passarmos despercebidos.

Pensamos que os três exemplos aos quais referimos, retirados do *Emílio* - o dos passeios públicos, o das corridas e o do saltimbanco Sócrates - são suficientes para ilustrar como o sentimento do amor-próprio pode ser despertado e fomentado, de modo positivo como de modo negativo, e para reconhecermos que é de fato importante que o mesmo seja educado de maneira que favoreça seu aspecto positivo e minimize o negativo. É isso que Rousseau tem em mente ao descrever, no *Emílio*, essas e outras cenas pedagógicas.

Ainda impressionados pelos impactos desses exemplos sobre nosso intelecto, vejamos, agora, como o sentimento do amor-próprio, com seus aspectos positivos e negativos e suas repercussões nas vidas dos indivíduos e no

todo da sociedade, são pensados e problematizados por outros estudiosos da filosofia de Rousseau.

Para Axel Honneth (2013, p. 568), por exemplo, Rousseau compreende o *amor de si* “[...] como uma predisposição natural do ser humano, é uma espécie de autointeresse, que assegura a sobrevivência do indivíduo fazendo com que ele confie unicamente nos critérios próprios, vitais do bom e do correto [...]”. Por outro lado, Honneth (*ibidem*, p. 568-569) afirma, quanto ao *amor-próprio*, que esse “[...] se acrescenta mais tarde e é, neste sentido, artificial [...]”, de modo que o “[...] critério do autointeresse se modifica de tal modo que a opinião dos outros se torna a norma do comportamento oportuno.” Portanto, para Honneth, o amor de si faz com que nos movamos a nós mesmos, ao passo que o amor-próprio move-nos a partir dos outros.

Honneth considera, inclusive, que as reflexões de Rousseau sobre o sentimento do amor-próprio, em suas vertentes negativa e positiva, reverberaram decisivamente na teoria do reconhecimento, da qual o filósofo alemão é um dos maiores expoentes contemporâneos. Para ele, a teoria rousseauiana do amor-próprio “[...] abre a possibilidade de interpretar Rousseau como *um teórico do reconhecimento*” (*ibidem*, p. 563, grifo nosso), e, mais do que isso, abre a possibilidade de afirmar, como ele efetivamente o fez, que Rousseau é, com efeito, “[...] *o fundador de toda a tradição da teoria do reconhecimento.*” (*ibidem*, p. 566, grifo nosso). Essa afirmação é corroborada, por exemplo, por Dalbosco (2014, p. 801), que, comentando e reforçando a perspectiva do filósofo da Escola de Frankfurt, disse que “[...] é a teoria do reconhecimento sustentada pela teoria do amor próprio [...]”, de Rousseau.

Dalbosco, como Honneth, também interpretou a paixão do amor-próprio correlacionando-a à questão do reconhecimento social. Para ele, embora o amor-próprio possa engendrar, quando educado de modo não-virtuoso, problemas ao convívio dos indivíduos em sociedade (o que, poderíamos dizer, foi o foco principal da análise de Rousseau no *Segundo Discurso*), esse sentimento constitui, em grande medida, o fundamento mesmo do próprio tecido social. Por isso, para Dalbosco, o amor-próprio é...

[...] a mola propulsora do laço social, porque contém em si o desejo humano de distinção e busca por reconhecimento social. *O amor próprio* [sic], *quando orientado pela virtude, torna-se um sentimento construtivo*, aproximando seres humanos entre si pelo ideal da justiça e da bondade (ideal do amor à ordem - *amour de l'ordre*). Contudo, *por ser um sentimento ambíguo, também pode ser movido por paixões odientas e irascíveis, provocando a corrupção social e a própria destruição humana*. Nesse contexto, é a capacidade que todo o ser humano possui de dirigir-se virtuosamente a si mesmo que constitui o antídoto indispensável à maldade das paixões humanas. Como tal capacidade não é inata e nem é determinada exclusivamente pela sociedade, ela precisa ser formada. Daí que a educabilidade humana se traduz, no contexto do projeto pedagógico esboçado por Rousseau no *Émile*, em um “programa assistemático” de formação virtuosa da vontade, possuindo como foco a própria *educação do amor próprio*. (Dalbosco, 2018, p. 6, parêntese e aspas do autor, colchete e grifos nossos).¹⁷

Nesse trecho citado, evidencia-se a ideia, presente, obviamente, no próprio *Emílio*, de que é possível educar o sentimento do amor-próprio. Rousseau pensava, com razão, como temos tentado demonstrar até aqui, que da boa educação desse sentimento depende a felicidade mesma do indivíduo e da sociedade. Por isso, Dalbosco (*ibidem*, p. 16, grifo nosso) concluiu que, “[...] como tal sentimento é profundamente ambíguo e em sua dimensão negativa pode levar à destruição do próprio ser humano, o amor próprio precisa ser educado.”¹⁸

A característica da educabilidade - enquanto capacidade de ser educado, cultivado, moldado - do sentimento do amor-próprio também foi observada por Paiva e Lima (2023), que salientaram seu aspecto positivo sobre o negativo. Comentando a cena pedagógica das corridas e dos doces (à qual já referimos, acima), os autores remetem à educabilidade do amor-próprio e à postura de Rousseau (o preceptor, personagem do *Emílio*) ao educar esse sentimento de modo a desenvolver seus aspectos positivos de emulação e de generosidade,

¹⁷ Conforme afirmamos na nota 4, a grafia utilizada por Rousseau nos textos originais é *amour-propre*, com hífen, e nós optamos por preservar a escrita original. Mas há quem escreva essa palavra de modo diferente, como *amor próprio*, a exemplo do próprio Dalbosco. Ao citar o pensamento desse e de outros comentadores, utilizamos a grafia por eles próprios utilizada.

¹⁸ O amor-próprio é não somente um sentimento “ambíguo”, em virtude de suas consequências, positivas ou negativas, para os indivíduos e a sociedade, mas mesmo um sentimento que pode adequadamente receber o epíteto de “bipolar”, como adjetivou-o Honneth (2013). Noutro de seus artigos, Dalbosco sustenta a mesma tese de que o amor-próprio, para que engendre efeitos positivos na vida dos indivíduos e da sociedade, deve ser educado: “[...] Rousseau compreende o mal humano no contexto de sua teoria da ambiguidade do amor-próprio e vê a possibilidade de contorná-lo por meio da virtude. Como o mal humano está diretamente vinculado aos vícios, contra eles deve ser desencadeado o processo educacional orientado pela virtude. [...] se o amor-próprio excessivo (inflamado) é a principal fonte da maldade humana, a educação virtuosa deve ser seu principal antídoto.” (Dalbosco, 2015, p. 148, parêntese do autor).

sem que seja estimulada a vaidade e o orgulho dos meninos (que disputavam as corridas), utilizando, para isso, aquilo que, caso fosse mal-empregado na lição, poderia engendrar precisamente aquilo que se pretendia evitar, isto é, os efeitos negativos do amor-próprio.

O preceptor (Rousseau) desenvolve aquilo que Neuhouser chama de “*educação do amor-próprio*”, uma vez que é impossível evitar seu desenvolvimento, entendendo com isso uma ação pedagógica que se utilize dessa própria paixão para remediar os males do homem social, imunizando-o. Se, como diz Rousseau, “a descoberta da causa do mal indica o remédio”, ao mesmo tempo que a competição pode inflamar o orgulho e a vaidade, ela pode ser usada como uma encenação pedagógica para desenvolver a autoestima, tal como se fazia com os guerreiros na Grécia antiga. (Paiva e Lima, 2023, p. 5-6, aspas dos autores, parêntese e grifo nossos).

São bastante conhecidas as referências, em geral, negativas, que Rousseau faz aos médicos e à medicina. Recorrendo a essas referências, Kawauche (2019) traçou uma analogia bastante pertinente entre a terapêutica médica e a terapêutica pedagógica que Rousseau desenvolveu no *Émile* com o fito de cuidar do amor-próprio de Emílio. Assim como a medicina deve servir para preservar a saúde de um ser humano saudável e para fazê-lo recobrá-la quando estiver doente, de igual modo a pedagogia deve manter o educando saudável, isto é, sem que nele se manifestem sintomas negativos do amor-próprio, e, quando esses houverem manifestado-se, deve trazer de volta o educando a um estado de manifestação positiva dessa paixão. Com base nessa analogia, Kawauche diz o seguinte:

[...] no livro IV, *o educador, à maneira de um médico hipocrático, intervém na história natural do amor-próprio recorrendo a remédios educativos adequados para cada situação patológica da vida de Emílio*. A alegoria do jovem potencialmente misantropo que é curado da insociabilidade pela arte da educação não é gratuita: ela remonta à relação clássica entre medicina e paideia que Rousseau transpõe para os esquemas de inteligibilidade das ciências modernas. As intervenções correspondem às “cenas pedagógicas” [...]. [...] as “cenas” corrigem os eventuais desordenamentos no sistema de paixões de Emílio de forma similar à “arte médica da ocasião oportuna”. Almeja-se assim, através dessa pedagogia terapêutica, a formação de um ser - homem ou cidadão - capaz de conviver em harmonia com os demais antes mesmo de atingir a idade adulta. (Kawauche, 2019, p. 329, aspas do autor, grifo nosso).

Sobre a origem do bem e do mal na vida em sociedade, Paiva reconheceu, como todos os autores que temos mencionado até agora, que o amor-próprio desempenha aí um papel crucial. Para ele, “Na perspectiva da sociedade, a fonte do bem e do mal é a mesma: o desejo de ser reconhecido, aceito, aprovado e amado” (Paiva, 2019, p. 4), e todos esses desejos são afecções que o amor-próprio desperta em nós. Paiva complementa essa afirmação dizendo: “Tendo desenvolvido o amor-próprio, nada mais poderá (o ser humano) fazer sem a consideração ou a perspectiva do outro.” (*ibidem*, p. 5, parêntese nosso).

Para encerrar nossa discussão acerca da educação do amor-próprio a partir da literatura secundária em torno do *Emílio*, mencionaremos agora uma posição contrária àquela que temos compartilhado neste artigo, fazendo eco ao que pensam outros pesquisadores, aqui já citados. Apesar de ser plausível a interpretação, aventada pela primeira vez por Neuhouser (2008), de que há esses dois aspectos, positivo e negativo, no sentimento do amor-próprio como concebido por Rousseau, há quem pense que não é bem assim; pois, como afirmamos acima, a interpretação padrão da teoria rousseuniana do amor-próprio sustenta que essa paixão tem somente um caráter negativo. Por isso, o confronto dessas duas linhas de leitura faz-nos ver que ainda subsistem dúvidas (embora não para nós) acerca de se seria realmente possível, considerando-se a coerência desta interpretação no conjunto do sistema de pensamento de Rousseau, interpretar o amor-próprio a partir daquela dupla perspectiva proposta por Neuhouser. Martins, por exemplo, projeta um olhar cético sobre a interpretação de Neuhouser, muito embora reconheça que seja possível, sim, educar o amor-próprio. Assim, segundo Martins (2013, p. 107, grifos e parênteses nossos):

No seu livro IV do *Emílio* ele (Rousseau) destaca muito claramente a *importância de educar o amor próprio* (sic). O ser humano precisa aprender a viver bem consigo mesmo e com os outros. Faz parte da *educabilidade desse sentimento* fazer o ser humano entender que ele ocupa um lugar na ordem das coisas. Ele não está acima de ninguém e ninguém está acima dele. *A educação do amor próprio* (sic) *ajuda a combater a desigualdade entre os seres humanos na medida em que eles passam a reconhecer que precisam uns dos outros*. É inegável que o ser humano sente a necessidade da estima dos seus semelhantes. Isso não precisa e nem pode ser eliminado. [...] *o amor próprio* (sic) *é o sentimento que impulsiona a humanidade para* (sic) *sociabilidade*. Isso já faz desse conceito um pilar das teses de Rousseau. [...] *É preciso analisar agora com cuidado se podemos realmente deduzir das teses*

de Rousseau essa dupla dimensão do amor próprio (sic). Porém, é muito mais importante verificar se a possibilidade de educar esse sentimento resolve a tensão inerente a ele. Muitas questões precisam ser respondidas e algumas asserções melhor esclarecidas.

Pensamos que é efetivamente possível depreender, dos escritos de Rousseau e, em particular, do *Emílio*, a interpretação de que o amor-próprio é capaz de engendrar tanto efeitos positivos - como o desejo de aperfeiçoar-se, como profissional, como ser humano; de tornar-se melhor na prática de algo; de ir além do ponto em que se está no cultivo de alguma habilidade, de algum conhecimento, etc. - como efeitos negativos - tais como a inveja, o orgulho, a vaidade, a competição, a falta de altruísmo e de cooperação social, etc. Concordamos com a proposta de Rousseau, contida nas páginas do *Emílio*, de que podemos e, mesmo, devemos extrair do amor-próprio as melhores consequências possíveis e compatíveis com a felicidade dos indivíduos e da sociedade. Para isso, é imprescindível que eduquemos corretamente o amor-próprio, desde a mais tenra idade do ser humano, desde a infância, passando pela juventude e continuando durante toda a vida adulta e a velhice. Como a educação é uma ocupação que se estende por toda a nossa existência, enquanto vivermos é necessário que cuidemos da nossa educação, da qual faz parte a educação das paixões.

Considerações finais.

Ao concluirmos este artigo sobre a educação do amor-próprio no contexto da obra *Emílio, Ou Da Educação*, de Jean-Jacques Rousseau, esperamos que tenhamos conseguido tornar evidente a relevância social desse tema e a necessidade de se educar essa paixão. Com efeito, o trabalho maior de evidenciar esse tópico foi desenvolvido pelo Genebrino naquela obra, em especial, de modo que nos restou somente comentar e reforçar seus argumentos e observações.

Nosso trabalho consistiu, ainda, num esforço para tentar elucidar a teoria rousseuniana do amor-próprio e suas implicações na educação humana (esse foi, com efeito, o objetivo que estipulamos para esta pesquisa), para o que

recorremos tanto a textos do próprio Rousseau como a textos de seus comentadores.

Para nos convencemos do quão desejável é a educação do amor-próprio para a felicidade dos indivíduos particulares e para o bem-estar social, basta, talvez, lembrarmos de que esse sentimento, no que diz respeito ao seu caráter negativo, é responsável por despertar nos indivíduos muitas coisas que consideramos ruins, como o desejo de serem superiores aos seus semelhantes; que ele é responsável por promover o menosprezo e a depreciação dos outros aos nossos olhos; por fomentar a desigualdade entre indivíduos, classes, categorias e grupos sociais; por deturpar, enfim, nossos julgamentos, a ponto de julgarmos o valor de outrem não com base em suas reais qualificações e méritos, mas com base meramente nos bens que possui, nas roupas que traja, no estilo de vida que manifesta, ou em qualquer outra coisa que se considere oportuna como meio de mensurar e de atribuir valor a tudo e todos. Uma vez que o amor-próprio, quanto ao seu aspecto negativo, tende a desenvolver, entre os seres humanos, não um olhar de admiração e de inspiração, mas de inveja, de despeito e de antipatia, chegamos à conclusão, com Rousseau, de que a educação desse sentimento é fundamental para gerar comportamentos positivos, isso é, que dêem, como frutos, a empatia, o crescimento pessoal e a colaboração social (essa foi, com efeito, nossa justificativa para a realização desta pesquisa).

Por essas razões, pensamos que a educação do amor-próprio é um tema realmente essencial à realização efetiva do bem-estar social, pois acreditamos que é tarefa de uma sociedade democrática fomentar e preservar a diversidade, seja ela qual for, não a homogeneização; incentivar a emulação, o desejo de ver os outros como inspirações para nós, não como adversários ou concorrentes; é tarefa, enfim, de uma sociedade democrática, ensinar a seus cidadãos que existe e deve existir oportunidade e lugar para todos, e que todos os seres humanos, sem distinção, têm valor e dignidade.

Referências.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Ambiguidade do amor-próprio e formação virtuosa da vontade. *Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 147-156, jan.-abr. 2015.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Aspiração por reconhecimento e educação do amor-próprio em Jean-Jacques Rousseau. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 481-496, set.-dez. 2011.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Condição humana e formação virtuosa da vontade: Profundezas do reconhecimento em Honneth e Rousseau. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 799-812, jul.-set. 2014.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Condição humana e educabilidade: Um problema nuclear das teorias educacionais clássicas. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 18, n. 48, p. 1-20, 2018.

HONNETH, Axel. Abismos do reconhecimento: O legado sociofilosófico de Jean-Jacques Rousseau. *Civitas*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 563-585, 2013.

KAWAUCHE, Thomaz. Ordenar as paixões: Reconhecimento e sociabilidade no *Emílio* de Rousseau - Primeira parte. *Revista Dialectus*, ano 8, n. 15, ago.-dez. 2019, p. 328-361.

KAWAUCHE, Thomaz. Ordenar as paixões: Reconhecimento e sociabilidade no *Emílio* de Rousseau - Segunda parte. *Revista Dialectus*, ano 9, n. 17, mai.-ago. 2020, p. 271-292.

LIMA, Rafael Lucas de. Dimensões da educação no *Emílio* de Rousseau. In: FAÇANHA, Luciano da Silva; Carvalho, VIANA, Zilmara de Jesus (Orgs.). *Rousseau, Kant & Diálogos*. São Luís: EDUFMA, 2019. P. 83-110.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Maurício Rebelo. Teoria crítica da sociedade e educação natural em Rousseau. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 147, ago. 2013.

NEUHOUSER, Frederick. *Rousseau's theodicy of self-love: evil, rationality and the drive for recognition*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PAIVA, Wilson Alves de. As relações humanas como uma questão pedagógica: a conectividade humana em Rousseau. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, 2019.

PAIVA, Wilson Alves de; Lima, Wanderson Pereira. O jogo na pedagogia de Rousseau: Uma leitura do episódio dos doces. *Pro-Posições*, Campinas, v. 34, e20210120, p. 1-20, 2023.

PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio: Ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a economia política*. Petrópolis: Vozes, 2017a.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Bauru: Edipro, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Rousseau juiz de Jean-Jacques: Diálogos*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. São Paulo: Edipro, 2017b.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *A Christophe de Beaumont*. Destinatário: Christophe de Beaumont. Môtiers, 18 nov. 1762. 1 carta. Disponível em: <https://www.rousseauonline.ch/Text/lettre-a-christophe-de-beaumont.php>. Acesso em: 14 jul. 2024.